

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

VÂNIA DA SILVA MOURA PESTANA

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO DIÁLOGO COM O DESENHO

**GOIÂNIA
2025**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Vania da Silva Moura Pestana

Título do trabalho: Contação de histórias no diálogo com o desenho

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Valeria Fabiane Braga Ferreira Cabral, Professora do Magistério Superior**, em 12/12/2025, às 10:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vania Da Silva Moura Pestana, Discente**, em 12/12/2025, às 11:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5776118** e o código CRC **116F4EC9**.

Referência: Processo nº 23070.058332/2025-11

SEI nº 5776118

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

VÂNIA DA SILVA MOURA PESTANA

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO DIÁLOGO COM O DESENHO

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Artes visuais – Licenciatura da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, apresentando como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral

GOIÂNIA
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

PESTANA, VÂNIA DA SILVA MOURA
CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO DIÁLOGO COM O DESENHO
[manuscrito] / VÂNIA DA SILVA MOURA PESTANA. - 2025.
XLVI, 46 f.: il.

Orientador: Prof. Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais,
Goiânia, 2025.

Bibliografia.

Inclui lista de figuras.

1. Contação de Histórias. 2. Desenho. 3. Ensino de Artes Visuais. I.
Cabral, Valéria Fabiane Braga Ferreira , orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos três dias do mês de dezembro do ano de 2025 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Contaçon de histórias no diálogo com o desenho”, de autoria de Vânia da Silva Moura Pestana, do curso de Artes Visuais - Licenciatura, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela prof.^a Dr.^a Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral - orientadora (FAV/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: prof.^o Dr.^a Carla Luzia de Abreu (FAV/UFG) e prof.^a Ms. Ana Lúcia Siqueira de Oliveira - membro externa (IFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 7.5, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Valeria Fabiane Braga Ferreira Cabral, Professora do Magistério Superior**, em 05/12/2025, às 15:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Lucia Siqueira de Oliveira, Usuário Externo**, em 05/12/2025, às 16:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carla Luzia De Abreu, Professora do Magistério Superior**, em 09/12/2025, às 08:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5838666** e o código CRC **9A8E9F9B**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, a Deus, que iluminou cada passo deste caminho, e a toda a minha família, que foi meu apoio mais firme nos dias bons e, principalmente, nos dias difíceis. Ao meu esposo, Wagner Pestana, meu companheiro de vida, agradeço pelo carinho, pela paciência e pela dedicação à nossa família.

Aos meus filhos, Caroline Pestana e Matheus Pestana, que estiveram ao meu lado em cada desafio, oferecendo ajuda, força e presença, deixo meu amor e minha gratidão. Aos meus netinhos, Enzo Pestana e Alice Pestana, que, com sua pureza e alegria, tornaram mais leves os momentos cansativos, deixo o meu eterno carinho.

Aos meus pais, in memoriam, Aloizio Moura e Ubaldina Moura, que continuam vivos em mim, na minha história, nos meus valores e em cada conquista, dedico também este passo tão significativo.

À Profa. Dra. Cristina Krewer Mascioli, que acreditou que meu retorno seria possível; à minha orientadora, Profa. Dra. Valéria Fabiane Cabral; e à minha professora, Profa. Dra. Carla Abreu, agradeço pela paciência, pelo incentivo e por acreditarem no meu potencial.

A todos os professores que, ao longo da minha trajetória, contribuíram para a construção da minha memória e da minha formação acadêmica, deixo o meu sincero muito obrigada. Sem cada um de vocês, este sonho não teria se tornado possível.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), para o Curso de Artes Visuais – Licenciatura, apresenta uma pesquisa de cunho qualitativo baseada na relação entre a contação de histórias e o desenho no ensino de artes visuais. O estudo se estrutura em relatos de experiência e se apoia em referenciais teóricos como Bondía (2002), Derdyk (2015), Barbosa (2009), Salles (1998) e Rodrigues (2009). A utilização desses relatos tem a intenção de refletir sobre as vivências e os aprendizados da autora em um processo de reflexão que transforma cada acontecimento em experiência. Ao término da pesquisa, a expectativa é que os professores da Educação Básica percebam que a contação de histórias é uma estratégia pedagógica potente, capaz de possibilitar o diálogo com o desenho, que atua como catalisador da memória, da atenção e da criação de experiências significativas.

Palavras-chave: Contação de Histórias; Desenho; Ensino de Artes Visuais.

ABSTRACT

A qualitative research study on the connection between storytelling and drawing in visual arts education is presented in this Undergraduate Final Paper (TCC) for the Visual Arts Teacher Training Program. Drawing from theoretical sources like Bondía (2002), Derdyk (2015), Barbosa (2009), Salles (1998), and Rodrigues (2009), the study is organized around experience reports. Through a reflective approach that transforms every event into an experience, experience reports are used to reflect on the author's own experiences and learning processes. It is anticipated that by the time the study is finished, Basic Education teachers will understand that storytelling is an effective teaching method that facilitates conversation with drawing, which acts as a catalyst for memory, focus, and the development of meaningful experiences.

Keywords: Storytelling; Drawing; Visual Arts Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. HISTÓRIAS, FAMÍLIA, ESCOLA.	13
2. VIVÊNCIAS: TEORIA NA PRÁTICA	25
2.1 Metodologia de Pesquisa.....	26
3. DOCÊNCIA E EXPERIÊNCIA	28
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	46

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Prática docente.....	23
Figura 2 - Capa do livro “O Ursinho Apavorado”	29
Figura 3 - Trabalhos das crianças	31
Figura 4 - Capa do livro “Notícias Da Rua Dos Dentes De Leite”	33
Figura 5 - Capa do livro “É meu! Não empresto! Aprendendo sobre generosidade .	36
Figura 6 - Barco e homens saindo para pescar à procura por alimento	39
Figura 7 - Pág. do livro: “É meu! Não empresto! Aprendendo sobre generosidade”	40

INTRODUÇÃO

A paixão por histórias, manifestada desde a infância em São Paulo com meu pai, conduz minhas lembranças traduzidas nas vivências com o fazer artístico no Centro de Juventude onde tive o privilégio de participar de oficinas de desenho, pintura, dança e artesanato. Memórias afetivas que são pilares na construção da minha prática docente.

As histórias carregam repertórios culturais ricos, tornando-se uma estratégia pedagógica potente que estabelece uma ponte sólida entre o imaginário e o fazer artístico. Ao trazer narrativas de diversos gêneros, elas possuem a capacidade de mobilizar afetos, ativar a memória e gerar oportunidades de aprendizado. Integrado à contação de histórias, o desenho se tornou um caminho fundamental para desenvolver e estimular a criatividade dos alunos. Essa união pode tornar as aulas de artes visuais mais significativas para os alunos.

Os relatos que compartilho remontam à trajetória de uma menina paulistana, cuja paixão por histórias e pelas artes se manifestou desde a infância, no cotidiano familiar. Este trabalho é construído a partir de memórias de infância, vivências familiares e relatos de experiências docentes na educação básica. Juntos, eles demonstram como o desenho, integrado à contação de histórias, se transformou em um caminho eficaz para desenvolver a criatividade e tornar as aulas mais significativas para o ensino das artes visuais.

O ponto de partida para essa trajetória, que narro nesse TCC, foram minhas vivências familiares, com os contos populares narrados pelo meu pai. Essas narrativas me conduziram à iniciação na educação básica formal e não formal, onde as experiências artísticas se tornaram parte essencial da minha história.

Ao longo do tempo, como criança, jovem, esposa, mãe e avó, tive muitas vivências em variados tipos de linguagens nas artes visuais. Foi nesse percurso que me apaixonei pela profissão de arte-educadora. A força das histórias acrescentou profundamente à minha formação até o momento em que me tornei uma contadora de histórias. Todas essas experiências, desde as narrativas familiares até a paixão pela docência, culminaram na minha jornada como professora.

Este trabalho de Conclusão de Curso (TCC) está organizado em três sessões, além da Introdução e das Considerações Finais. Na sessão I, a ênfase está em minhas

memórias de infância e juventude. Tudo começou em São Paulo, em 1983, quando eu tinha apenas sete anos de idade. Desde a infância até os dias de hoje, em 2025, a vida como docente tem sido moldada pelas histórias, pelo desenho e pelas artes, que sempre estiveram intrinsecamente entrelaçadas em suas especificidades e no meu próprio cotidiano.

Na sessão 2 apresento a metodologia de pesquisa, sendo que esta abordagem se traduz no uso do relato de experiência como estratégia metodológica principal, onde reforço que as minhas narrativas pessoais, memórias e vivências enquanto docente, experiências que me tocaram (Bondía, 2002), são fontes de conhecimento.

Descrevo a minha experiência docente em detalhes na seção 3, através de disciplinas como o Estágio Supervisionado IV e a minha prática na Educação Básica. Antes de realizar os estudos para essa pesquisa, meu trabalho em sala de aula no Ensino Fundamental já estava recheado de relatos de histórias e vivências, onde a necessidade me levou, de maneira intuitiva, a introduzir o desenho nas aulas práticas. No decorrer desta pesquisa, percebo a importância de incluir meus estudos no curso e, com isso, apresento uma proposta para a construção de um Plano de Aula, que visa unir a contação de histórias e o desenho como um caminho para a narrativa.

Minha formação foi enriquecida pela graduação e pelo contato com artistas que estudam e teorizam sobre a contação de histórias e o desenho. Um conhecimento que trouxe contribuições para a minha prática. Foi nesse contexto que aconteceu meu retorno à graduação em artes visuais. A formação veio acrescentar na minha carreira acadêmica como docente. As contribuições vieram através dos fundamentos filosóficos da educação em artes visuais e das experiências com autores estudados ao longo da graduação.

Ao revisitar o meu percurso de formação e a prática em sala de aula, torna-se evidente que tanto as histórias quanto o desenho são linguagens poderosas. Ambas despertam a imaginação, favorecem a expressão e auxiliam os alunos(as) a atribuir significado às suas próprias vivências.

1. HISTÓRIAS, FAMÍLIA, ESCOLA.

O relato que compartilho me remete à trajetória de uma menina paulistana, cuja paixão por histórias e pelas artes se manifestou desde a infância. Em nosso cotidiano familiar, meu pai, Aloizio Moura, dedicava momentos após o trabalho para nos encantar com suas narrativas repletas de detalhes. Ele contava contos populares, histórias de terror e comédias que arrancavam sorrisos e deixavam um gostinho de “quero mais”. Eram momentos mágicos. Se fosse possível, passaríamos horas a fio escutando meu pai. Era algo tão incrível que cada história se transformava em uma experiência multissensorial, repleta de cores e aromas. São lembranças preciosas, que carrego na memória para sempre.

Eu nasci em uma família numerosa, com seis filhos, mas sempre unida. Meu pai tinha problemas com álcool e nem sempre estava sóbrio; o costume dele era deitar e dormir, muitas vezes sem se alimentar. Mesmo sendo uma garota pequena, mas muito atenta, eu percebi e fazia tudo com muito amor, como ele me ensinou: a amar as pessoas e fazer tudo com muito carinho. Eu fazia questão de dar a comida dele na boca e direcioná-lo ao banho, pois papai era muito carinhoso e amava a família reunida.

Recordo que eu e meu irmão caçula, Vânei, sempre éramos internados. Era ele que ficava comigo no hospital, porque, quase sempre, adoecíamos juntos. Meu irmão caçula, que nascera com o coração inchado, também ficava internado... E mamãe ficava com ele e o papai sempre comigo. Esses momentos com os filhos foram muito importantes: a forma de amar, cuidar, educar e ensinar, a contar histórias com tanta sabedoria, pois só estudou até o quarto ano.

Minha mãe, Ubaldina Moura, uma mulher guerreira, corajosa, forte e destemida, se levantava muito cedo para trabalhar e sustentar a família, pois seus estudos também foram interrompidos pela necessidade de trabalhar e manter a casa. Muito tempo depois, ela conseguiu concluir o ensino médio no período noturno (EJA).

Com o passar do tempo, cresci rodeada de muito afeto. Durante a infância, por questões de saúde pulmonar, tive cinco pneumonias consecutivas e cheguei a ser desenganada pela medicina. Tornei-me uma criança muito frágil, e minha saúde inspirava cuidados específicos: medicações nos devidos horários corretos e, pela necessidade de uma alimentação balanceada e horário adequado, foi preciso que eu me matriculasse em uma escola no contraturno da escola formal e militarizada em que

eu estudava. Nessa escola, eu poderia fazer estas refeições nos seus devidos horários, pois minha mãe trabalhava o dia todo e eu ficava com meus irmãos mais velhos. Éramos seis filhos e morávamos em São Paulo, capital.

O Centro de Juventude funcionava como uma escola, dedicada a crianças e adolescentes de 7 a 14 anos. Visava garantir a proteção social às pessoas em situação de vulnerabilidade e risco, desenvolvendo atividades socioeducativas e lúdicas. Nesse espaço, tive diversas vivências com as artes: oficinas, pintura, dança, música, desenho, entalhe em madeira, oficinas de bijuterias, artesanatos como o crochê e os bordados em tecido eram atividades que estavam presentes no meu cotidiano. E ainda, fiz um curso profissionalizante de datilografia, pois a escola nos preparava para o mercado de trabalho. São memórias afetivas de uma infância marcada por experiências culturais e pela valorização dos saberes manuais e sensíveis.

O primeiro dia de aula na escola em São Paulo foi uma mistura de emoções, medo, incertezas, em um espaço enorme onde pude sentir que não deveria me afastar da escola. Eram tantas crianças, muitas salas, inúmeras portas e diferente dos colegas que já sabiam por onde ir, eu não sabia por onde caminhar naquela escola, pois para mim era tudo novo.

Comecei a observar a dinâmica do espaço escolar, onde a princípio era servido o café da manhã, em uma mesa enorme onde as crianças formavam uma fila gigantesca, tudo preparado com muito carinho e agilidade. Ao terminar éramos encaminhados para escovação dos dentes e direcionados às salas de aula. Nestas salas aconteciam aulas de reforço escolar, um momento para realizarmos as tarefas escolares da educação formal na Escola Municipal de Primeiro e segundo Grau Almirante Pedro de Frontim, escola Militarizada pois a mesma ficava ao lado há exatamente uma quadra de distância.

Foi nessa escola que eu aprendi a ler com a cartilha “caminho suave” meu primeiro fascínio pelos desenhos da capa e o as vogais e o alfabeto e fiz a leitura do meu primeiro livro infantil “curiosidade premiada”, ficou gravado em minha memória onde jamais poderei esquecer. Em um Segundo momento o sino tocava e éramos liberados para realizar todas as atividades escolhidas. Na educação física aconteciam jogos, brincadeiras e nas salas eram realizadas as oficinas de artes que citei anteriormente. Logo após era o momento de nos prepararmos para almoçar, escovar

os dentes e ir para escola formal. O tempo passava rápido demais, pois a cada dia era um gostinho de quero mais.

As salas eram superlotadas de alunos, uma sala para cada atividade e a mais cheia era a sala de pintura. Meus olhos brilhavam ao observar as crianças maiores e concentradas no que estavam fazendo. Eu ficava na janela observando e não via a hora de poder ter uma chance de estar nessa sala, e me inscrevi para o teste, pois eram feitos testes de desenho para a participação na oficina de pintura. Nunca vou me esquecer da professora com uma folha de papel A4 na mão ela segurava um esboço de uma casinha. Ela me entregou o papel e o lápis de cor para que eu pudesse colorir, ação que está gravada em minha memória para sempre. Caprichei para não deixar nada para fora da linha, pois queria impressionar. Pinte em um só sentido e fui classificada para participar das aulas em pintura de papel e logo após com o passar do tempo lá estava eu no tão sonhado lugar participando das oficinas de pintura. Quantas alegrias, pois estes momentos alegravam meu coração em realizar pequenas atividades prazerosas que perpetuaram ao longo de toda minha vida. Nunca me esqueci do carinho e dos cuidados que tive em todo processo.

Como foi lindo, e com quanta riqueza de detalhes, tudo aquilo que hoje posso recordar. Cada aula parecia nascer das mãos cuidadosas de uma professora que preparava, com afeto silencioso, pequenas preciosidades diárias. Ah, se ela soubesse! Pode soar como clichê, talvez até como exagero, mas foram momentos inenarráveis... talvez os mais luminosos da minha infância escolar.

Eu tive uma professora magnífica na fase da pré-alfabetização. Havia um encanto quase ritualístico em abrir a cartilha “Caminho Suave”, que me fascinava: a capa com duas crianças caminhando rumo à escola por um trajeto quase mágico, as gravuras delicadas, as letras pequenas que escondiam mundos e os primeiros textos curtos que me ensinavam a encarar a vida com curiosidade. Como esquecer?

Eu chegava em casa tomada de urgência, uma vontade inquieta de repetir, com esmero, tudo que aprendera naquele dia. Fui alfabetizada cedo e logo compreendi o poder das combinações: quando as vogais encontraram as consoantes, nasceram as primeiras palavras, e tudo, absolutamente tudo, pareceu mágico.

Depois veio a biblioteca da escola, outro universo. A escolha foi certa: o livro narrado por minha professora em sala de aula, “Curiosidade Premiada”, de Fernanda Lopes de Almeida e Alcy Linhares, publicado em 1975, um ano antes de eu chegar ao mundo. Nele conheci Glorinha, a menina de perguntas infinitas, aquela que queria

decifrar o vento, as lágrimas, a vida. E, a partir dela, também comecei a questionar: por que o sol era amarelo? Por que as coisas são como são? Surgiram muitos porquês, talvez os primeiros sinais do meu amor pelos livros e pelas histórias, amor que nunca mais cessou.

Foi nesse período em 1983 aos 07 anos de idade, como dedicava os momentos oportunos colaborando em sala de aula nas oficinas artísticas no que era possível como entregar tarefas, organização das aulas práticas sempre tive um grande prazer em servir e ser útil aos/as professores/as e monitores em sala. Os anos foram passando e como aluna voluntária em 1989, que auxiliava os/as professores/as nas oficinas de artes de desenho e pintura, passei a admirar a profissão. Com o passar dos anos surgiu em mim um forte desejo de ser professora. Esse desejo se concretizou de forma natural, e ao chegar ao ensino médio eu já sabia que queria ser professora.

Estes primeiros contatos com as artes visuais trouxeram tantas possibilidades, muito que aprender, exercitar, colorir, desenhar, experimentar materiais diversos como madeiras, plásticos e tecidos um universo de linguagens, texturas, cores e muitos significados que estou redescobrando até hoje. São tantas lembranças, sou muito grata a tudo, foi a escola dos meus sonhos.

Passei a dar aulas no Ensino Fundamental I no ano de 1999, como professora substituta em escolas particulares e veio o encantamento pela profissão, mas, por um tempo, precisei interromper esse sonho devido ao casamento, trabalho e à maternidade. O sonho de concretizar o ensino médio ficou mais difícil devido aos horários noturnos que eram oferecidos se tornando impossível concretizar em São Paulo SP.

No ano de 2003, por motivos profissionais, meu esposo, eu e minha família viemos morar em Goiânia. Recém-chegada à cidade, ressurgiu em mim o desejo de retomar os estudos. Fiquei muito feliz em saber que tinha uma escola que tinha horários matutinos para o ensino de jovens e adultos e no ano de 2004 me matriculei assim, consegui concluir o ensino médio na escola CEJA setor leste universitário em Goiânia/GO.

Em 2007, participei do processo seletivo e fui aprovada no curso da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV-UFG). Foi um mergulho em um universo totalmente diferente de tudo que eu já havia vivenciado. Quantas

experiências, quantas possibilidades e descobertas encontrei cursando a licenciatura de Artes Visuais na FAV-UFG.

Como aluna da FAV-UFG, na disciplina de “Desenho de Observação e Expressão” foi meu primeiro contato com o desenho nas artes visuais. As primeiras aulas trouxeram muitas experiências que vieram agregar, complementar e fazer sentido não só em minha construção, mas também na vida pessoal, em sala de aula e no meu cotidiano. O primeiro dia de aula com Professora Dra. Alice de Fátima Martins, fiquei encantada com a professora, com as suas vestimentas e acessórios pessoais, pois era uma riqueza de detalhes. Ela trazia uma sacola de palha linda que carregava cheia de surpresas, para proporcionar algo novo. Foram momentos incríveis; com materiais simples, como o giz de cera que aparecia como uma possibilidade que eu não havia imaginado. Ela ensinou, até mesmo como eu poderia conduzir o giz de cera, com traços, um modo de desenhar que experimentei pela primeira vez, pois parecia que eu nunca tinha desenhado na vida.

Em uma das aulas, descobri artistas que trabalham com linhas e o desenho quando a professora Alice apresentou as linhas com Paul Klee, para nossa turma que por sinal era pequena composta por sete estudantes. Foram aulas que nunca perderam a qualidade e nos trouxeram muitas experiências de valor significativo.

Me recordo em uma das aulas que nossa professora Alice nos aguardava com uma surpresa em sala, era um amaranhado de barbantes compondo uma instalação de linhas e tivemos que reproduzir com o desenho através delas. Estas experiências também eram acompanhadas pela presença do meu filho caçula Matheus Pestana, então com sete anos, participava das aulas comigo, pois eu não tinha com quem deixá-lo. Matheus aprendeu muito com as aulas que participou, interagiu e teve momentos de grande fascínio pelas artes visuais e o desenho. As propostas da professora Alice contribuíram com todos os alunos, pois eram novas para o grupo e por isso, parecíamos crianças vivenciando estas práticas que enriqueceram não só o meu repertório, mas de toda a turma.

Durante o segundo período do curso de Artes Visuais Licenciatura na FAV-UFG, em 2007, em uma das aulas “Desenho: Objetos e paisagens”, foi proposto aos/às alunos um exercício de desenho de observação. Nas aulas anteriores, havíamos passado pelo processo de observação de pontos internos da sala e realizado desenhos com objetos internos, e estávamos ansiosos para poder observar e desenhar o lado de fora da universidade.

Finalmente, a tão sonhada aula aconteceu. Fomos liberados para sair da sala e explorar lugares na universidade, realizando nossos projetos de desenho ao ar livre e de livre escolha. O trabalho poderia ser feito individualmente ou em companhia de algum colega de curso. Neste dia, eu e Marlúcia, companheira e colega do curso de Artes Visuais, conversamos e decidimos trabalhar juntas, formando uma dupla. Saímos com o mesmo propósito: seguir mata adentro, pois antigamente havia um caminho de livre acesso utilizado por alguns alunos na mata que saía bemadiante, cortando caminho até o prédio da Faculdade de Letras (UFG, Campus Samambaia).

Queríamos observar algo diferente, mas ficamos um pouco intimidadas de permanecer dentro da mata fechada e decidimos seguir ao redor da grade até o mesmo destino. Nessa grade, havia muitas instalações e intervenções feitas com diversos materiais e barbantes, e ali surgiram nossos primeiros desenhos. Ao passarmos pelo ICEB-UFG, seguimos para a esquerda, ao redor da mata, e encontramos algumas árvores e bancos. Achamos o cenário perfeito, que até oferecia apoio para nossos materiais, e decidimos observar e desenhar ali mesmo. Tudo estava calmo e tranquilo.

Os desenhos foram surgindo, e nos sentimos à vontade, acompanhadas apenas pelo barulho dos pássaros. Marlúcia havia apoiado seus materiais na mesa para começarmos a observar e desenhar, deixando tudo exposto. A aula foi prazerosa e diferente, propiciando muitas emoções, olhares e surpresas, até que, de repente, fomos surpreendidas por um grupo de macacos, com cerca de cinco, incluindo o chefe, o maior do bando. A chegada deles foi repentina e nos assustou, pois o maior vinha à frente, esbravejando com Marlúcia e parecendo querer nossos pertences. Foi, no entanto, muito engraçado. Percebi que eles procuravam algo para se alimentar. Naquela época, havia uma campanha na universidade para não alimentar os animais silvestres, já que eles estavam se tornando agressivos e preguiçosos por terem livre acesso a restos de comida e lixo das lanchonetes, o que os deixava doentes. Mesmo assim, quando não eram alimentados, eles furtavam objetos de nossas mãos com facilidade e agilidade até mesmo dentro da sala de aula. Naquele tempo, o novo prédio da FAV-UFG não existia.

Em 2007, nossas aulas eram no prédio da EMAC-UFG, onde funcionavam antigamente as aulas do curso de Artes Visuais. As salas do corredor tinham janelas voltadas para o centro da pequena área arborizada. Muitos galhos davam acesso a essas janelas, o que mantinha a sala fresca, já que muitas vezes ficavam abertas.

Era maravilhoso estudar ao som dos alunos da EMAC, que realizavam seus exercícios diários. Éramos presenteados com o som de violinos, violões, tubas e trompetes; para mim, era fascinante. Contudo, em sala de aula, corríamos os mesmos riscos: se descuidássemos de bolsas ou lanches, os macacos, que sentiam o cheiro de longe, os furtavam com rapidez, sem que pudéssemos fazer nada. Foi justamente em um momento de descuido na mata que um deles pegou o caderno da minha amiga e não queria devolver. Ela brigava e esbravejava enquanto eu me preocupava, temendo um ataque, pois o chefe do bando nos encarava com um olhar bravo. Estávamos sós em um caminho que sempre foi vazio, e essa situação se estendeu por um bom tempo. Tivemos uma mistura de medo e gritos, mas, no final, houve muita diversão e risos, pois conseguimos pegar o caderno de volta quando o macaco o jogou no chão. Decidimos sair dali o mais rápido possível.

Não conseguimos concretizar nosso projeto de desenho com a riqueza de detalhes que gostaríamos, mas entregamos o que foi possível. A aula deu muito certo, sendo expressiva em sentimentos e observação natural. Principalmente, os acontecimentos inesperados fizeram parte dessa experiência. No final, tudo deu certo, e a história atípica e momentânea, engraçada e divertida, pôde ser recontada em aula para todos os alunos do curso de Artes Visuais e para o nosso professor.

No terceiro semestre do curso, ano de 2008, logo nos primeiros dias de aula, nos foi apresentado o plano do curso, como seria a metodologia de trabalho, suas proporções, perspectivas, medidas do corpo humano através da cabeça, e muitas curiosidades e técnicas. Foi disponibilizado um modelo humano para que pudéssemos observar detalhadamente e desenhar.

O espaço físico da sala de aula era muito grande, com muitas mesas e bancadas, onde tínhamos a liberdade de espalhar nosso rolo de papel e desenvolver nosso projeto de desenho de observação. No princípio, houve muitas dificuldades, mas, no decorrer das aulas, fomos nos familiarizando com o tamanho do papel, proporção e medidas, e fomos aprimorando os desenhos. Observar não é fácil; são muitos detalhes, muitas horas de cansaço, tanto para quem está executando o processo de desenhar como para o modelo que fica exposto por horas na mesma posição. Com o tempo, fomos aprimorando e melhorando o tempo, a riqueza de detalhes, o olhar novamente, e aprendendo a enxergar algo que não havíamos percebido.

Desenhar sempre foi algo do meu cotidiano diário, seja em momentos de descontração com meus irmãos quando pequena ou até mesmo em sala de aula. Sempre me trouxe muita paz e, com o passar do tempo, muita agilidade, através da prática constante. As aulas também nos trouxeram uma quebra de paradigmas de que o desenho só poderia ser feito por pessoas especialistas, que as pessoas tinham "dons" de desenhar. Fomos construindo outros modos de pensar, pois a nossa turma foi uma das últimas que entrou com o teste de aptidão, cujo critério eliminava muitos alunos.

A percepção de que a prática era o melhor caminho e de que todos nós temos uma identidade pessoal que vamos construindo ao longo da vida foi fundamental. Estas experiências foram muito importantes, especialmente através do desenho, que é uma das formas de expressividade mais antigas e que se faz presente no nosso cotidiano. Pude experimentar com o desenho como potência expressiva no decorrer do curso.

Estar na FAV-UFG me abriu novas portas, que promoveram crescimento, transformação e a ampliação do meu repertório como educadora e artista. Quando comecei a graduação, fui convidada a dar aula como professora substituta em uma escola pública Estadual, contrato temporário, onde tive experiências em campo mesmo antes de estagiar.

A Sala de aula sempre foi algo fascinante para mim e como discente conheci uma encantadora amiga Vanusa nogueira mais conhecida como (Glorinha Fulustreka), quando fui assistir uma apresentação de contação de histórias e me apaixonei. Quando percebi já estava mergulhada em histórias, passei a me dedicar e fiz o curso com o grupo Gwaya. Um grupo de Goiânia, formado na universidade por Contadores de Histórias que surgiu em 1992, vinculado ao Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Foi criado por professores da UFG e da Rede Pública de Ensino. Inicialmente, seu trabalho era focado na formação de novos contadores de histórias, além de atuar em performances para o público. Atualmente, o grupo é composto por estudantes de licenciaturas da UFG e por membros da comunidade em geral. Eles incentivam a leitura e promovem a arte de contar histórias.

O primeiro dia de aula com o grupo Gwaya foi simplesmente encantador. As aulas aconteciam no Lago das Rosas, sob o silêncio do período noturno, o único horário possível para mim, já que as manhãs eram dedicadas à Universidade Federal

de Goiás FAV/UFG e as tardes, ao trabalho. Ainda assim, uma vez por semana, aquele encontro iluminava meu cotidiano.

Eu participava do grupo acompanhada por minha amiga de curso, Vanuza Nogueira, mais conhecida por sua personagem vibrante na contação de histórias, a inesquecível “Glorinha Fulustreka”. Ela chegava sempre com sua mala-baú repleta de maravilhas: flauta, chocalhos, adereços e livros encantadores que, ao serem revelados, transformavam qualquer espaço em um cenário de magia.

Durante esse percurso formativo, fomos introduzidos a novas técnicas, gêneros e estilos de narrativas, como fábulas, contos populares e contos literários, numa jornada que nos ampliava por dentro. Vanuza ministrou parte dessas aulas, guiando-nos por caminhos sensíveis e precisos. Recebemos a ementa do curso, os textos que nos acompanhariam e serviriam de alicerce durante toda a aprendizagem.

Aprendi, então, a esquecer a pressa e a escutar o próprio corpo: a preparar a voz com exercícios vocálicos, a cuidar da alimentação para sustentar o esforço da fala, a observar a postura, o gesto, a respiração. Aprendi a clareza, a cadência, o ritmo, tudo aquilo que faz uma história permanecer viva nos olhos do espectador. Desejava que cada aluno compreendesse a mensagem, que se afetasse por ela, que sua leitura se ampliasse, que novos sentidos se despertassem: interpretação, expressão, articulação, comunicação, escrita, oralidade. Era um aprendizado que se estendia para muito além do curso, era um aprendizado para a vida.

A organização das aulas favorecia o encantamento: sentávamo-nos em círculo, as crianças confortáveis, livres para ouvir, enxergar e sentir. Os livros literários eram apresentados como janelas abertas e a sala, transformada em território da imaginação. Também nos preparávamos para as avaliações, que exigiam a apresentação de histórias de diferentes estilos perante todo o grupo. Na prova final, escolhíamos uma única história entre tantas possíveis e, com ela, entregávamos tudo o que havíamos aprendido.

Foram momentos fantásticos, atravessados por narrativas inesquecíveis e descobertas profundas. Aprendi não apenas como contar histórias, mas por que contar histórias. E hoje compreendo que a contação é uma ponte essencial para o ensino das artes visuais, um recurso que amplia olhares, sensibiliza, educa e transforma. Por meio dela, percebo que posso ir muito além.

Em 2008, Goiânia sediou o 1º Salão do Livro Infantil e Juvenil de Goiás, que ocorreu no Centro de Cultura e Convenções de Goiânia. O evento foi realizado entre

os dias 2 e 6 de abril, coincidindo com o Dia Mundial do Livro Infantil, e teve como grande homenageado o escritor Monteiro Lobato. As atrações incluíram apresentações de contadores de histórias, espetáculos cênicos baseados na obra de Monteiro Lobato, oficinas, exposições e as chamadas "Fornadas de Histórias", além de uma feira de livros voltada para o público infantil.

Foi nesse contexto que pude vivenciar momentos importantes com minha família e alunos, que foram ao local nos prestigiar. Eu e minha amiga e colega do curso de Artes Visuais (FAV/UFG), Glorinha Fulustreka, fechamos um contrato de trabalho de quatro dias com uma autora para fazer a divulgação dos seus livros no evento. No decorrer do dia tínhamos algumas apresentações contando histórias para os visitantes e divulgávamos alguns trabalhos recentes da autora Isaura Franco, da Editora R&F, como a história do Sapo Banguela.

Nosso pagamento era dividido em uma pequena parte em dinheiro e o restante em livros da editora, o que foi maravilhoso, pois pude escolher livros de histórias infantis para utilizar nas aulas de contação de histórias e para meus filhos também. Ao saberem disso, eles ficaram muito felizes, pois puderam escolher os que mais os agradavam. Foi maravilhoso; as experiências na exposição também foram ricas.

A necessidade de trabalhar durante meu processo de formação tornou muito difícil conciliar as obrigações do cotidiano familiar. Conciliar a maternidade, casa e estudos não foi tarefa fácil pois muitas vezes a leitura dos textos aconteciam entre um trajeto e outro tanto para as escolas como o retorno para casa. Contudo isso não me impediu de continuar de acreditar na minha formação como docente, mesmo quando fui obrigada a trancar o curso até que fosse possível retornar em 2025.

O trabalho sempre esteve presente como prioridade em nossa família sendo assim logo que completei quatorze anos tive que ajudar meus pais começando a trabalhar precocemente, pois minha ajuda era necessária. Com o passar dos anos sempre foi muito difícil conciliar os dois, mas nunca desisti dos meus sonhos, muitas vezes só conseguia chegar na segunda aula e muito cansada do trânsito pesado de São Paulo (capital) cidade onde eu nasci e vivi até os vinte e sete anos de idade e estudei até no ensino fundamental dois, pois tinha um sonho ser professora. Mesmo após meu casamento e a maternidade e a mudança de Estado Goiânia houve alguns anos de pausa, mas sempre conciliada com trabalho que passou a ser como professora de substituição ensino fundamental I.

E mesmo como discente na universidade FAV UFG sempre conciliando o curso com o trabalho pois as disciplinas do curso eram oferecidas no matutino. Com o tempo fui conseguindo dar aulas vespertino e noturno, pois com as declarações de estudante universitária pude também dar aulas de substituição no turno noturno para fundamental dois e ensino médio.

Ser professora sempre foi um grande sonho. Ao me tornar mãe, esse papel ganhou novos sentidos: acompanhei de perto a alfabetização dos meus filhos, netos e incentivei a leitura, a contação de histórias e o fazer artístico através do desenho e da pintura, o que ampliou profundamente meu olhar sobre a educação. A convivência com os alunos em sala de aula (Figura 1), entrelaçada aos desafios da maternidade, revelou que ensinar vai muito além do conteúdo programático. É criar espaços de escuta, de construção de memórias afetivas, de trocas e de expressão sensível.

Figura 1 – Prática docente



Fonte: Arquivo da autora.

Em várias aulas, utilizei estereótipos de desenhos impressos com formas geométricas, como o círculo, para trabalhar com os alunos. Devido à escassez de recursos, visitei o fundo do colégio com a permissão da diretora da escola. Lá, em meio ao amontoado de lixo, como cadeiras e carteiras quebradas, comecei a buscar materiais que pudessem ser reciclados e reutilizados nas aulas de desenho e colagem. Encontrei algo que me ajudou muito: um antigo mimeógrafo. Para minha grande surpresa, certifiquei-me de que ele poderia ser reutilizado e o levei para o

conserto. Deu tudo certo! O mimeógrafo se tornou meu aliado e instrumento de trabalho para fazer pequenas impressões manuais, utilizando cópias com carbono e papéis recicláveis que eu ganhava como doação para o desenvolvimento dos desenhos com os alunos.

Foi nesse percurso que a contação de histórias ganhou destaque na minha prática docente. Mais do que um recurso de encantamento, ela se tornou um caminho para dialogar com as imagens no ensino de artes visuais, despertando nos estudantes novas formas de ver, imaginar, criar e atribuir sentido às suas experiências.

A minha reintegração ao curso de Artes Visuais como discente no ano de 2025, também trouxe muitas dificuldades em todos os sentidos. Vivenciei o choque de deparar-se com uma sala cheia de colegas, um processo que eu creio ser um efeito pós-pandemia.

Enfrentei a dificuldade de rememorar aulas antigas, de me reintegrar com colegas que estavam mais engajados com os estudos do que eu. Eu estava com a sensação de estar parada no tempo, apesar de estar exercitando a arte com filhos e netos a todo momento. O desconhecimento das mídias, as dificuldades com a escrita e a necessidade de digitação.

Fui acometida pela Covid-19, o que deixou algumas sequelas, como ficar sem olfato e paladar, e algumas dificuldades cognitivas que não me impediram de continuar, pois estou vencendo gradativamente. Fui muito bem acolhida pelos meus/as professores/as, orientadora, pelos coordenadores do curso e pela secretaria. Sigo acreditando que não existe desenvolvimento e crescimento sem passar por esse processo. Acredito na realização da minha formação como professora docente.

2. VIVÊNCIAS: TEORIA NA PRÁTICA

A formação da identidade docente nas artes visuais resulta em um processo educativo fundamentado nas experiências acadêmicas e profissionais enriquecido por reflexões sobre a importância do ensino de artes visuais. Um dos aspectos dessa formação é o papel essencial das imagens na construção do conhecimento e no desenvolvimento da sensibilidade do olhar desses estudantes

As experiências vivenciadas em sala de aula em uma escola pública na região Oeste de Goiânia. As inquietações dos/as estudantes que sempre queriam interagir com o fazer artístico na prática, o que me levou a relacionar a contação de histórias e as práticas artísticas. Desse contexto, surgiram as inquietações de como trabalhar essa relação nas aulas práticas com o desenho.

Do ponto de vista teórico, a literatura evidencia que o desenho e a arte constituem formas de linguagem que possibilitam à criança compreender e representar o mundo, mobilizando aspectos cognitivos, afetivos e sociais (Derdyk, 2015, *apud* Lowenfeld, 1970; *apud* Piaget, 1978; *apud* Vygotsky, 1998). O desenho, em especial, é considerado uma etapa fundamental no desenvolvimento da criança, sendo compreendido como forma de expressão e de construção do pensamento (Santos; Silveira, 2016).

O desenho é uma forma de expressar momentos vividos, ou como figura de linguagem desde as histórias, através das pinturas rupestres ou até mesmo guardados ou esquecidos em um lugar particular da memória, algo tão natural que surge como representatividade daquilo que vivenciamos e muitas vezes a necessidade de buscar estas reorientações que podem ser interpretadas através de um simples rabisco. Compreendo “o desenho como um modo de (...) apresentar-se com os contornos bem definidos; ressaltar, ressaltar; avultar, destacar-se. Aparecer, representar-se ou reproduzir-se na mente, na imaginação, afigurar-se, figurar-se (...).” (Derdyk, 2015, p. 33).

A narrativa oral, nesse sentido, amplia as práticas de contação de histórias e é uma estratégia pedagógica na medida em que diversos gêneros possuem a capacidade de mobilizar afetos, ativar a memória e gerar conexões significativas e oportunidades de aprendizado. Segundo Ana Mae Barbosa (2009), reconhecer e valorizar o repertório cultural dos/as alunos/as possibilita experiências estéticas mais ricas, favorecendo o desenvolvimento da sensibilidade e da criatividade. A autora

ressalta que reconhecer e valorizar o repertório cultural dos/as alunos/as é crucial para oferecer experiências estéticas mais ricas e significativas.

As histórias não são apenas um recurso de encantamento; elas carregam repertórios culturais, simbólicos e visuais que dialogam diretamente com a prática artística, o/a docente necessita reconhecer e valorizar, possibilitando experiências estéticas, favorecendo o desenvolvimento da sensibilidade e da criatividade. Conforme aponta Ana Mae Barbosa em seu texto "A importância da imagem no ensino da arte: diferentes metodologias" (2009).

Diante dos desafios enfrentados nas escolas públicas, a criatividade se revela um recurso pedagógico fundamental. Explorar a interface entre contação de histórias e o desenho contribui não só para o desenvolvimento do fazer artístico, mas também para a construção de repertórios visuais, culturais e críticos. Isso permite que o ensino de arte seja mais dinâmico, acessível e significativo.

Envolvida nessas reflexões, vejo-me desenvolvendo um trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e, dessa forma, esta pesquisa busca responder à seguinte questão: Como contar histórias em diálogo com o desenho para promover a prática artística? Para investigar essa questão, apresento uma proposta de plano de aula, a partir da contação de histórias em diálogo com o desenho para possibilitar a prática artística de estudantes.

2.1 Metodologia de Pesquisa

A pesquisa é conduzida por uma abordagem qualitativa, fundamentada no relato de minhas próprias experiências como aluna e docente, além da leitura de artigos acadêmicos. Uma pesquisa que se apoia nos meus relatos pessoais e vivências no âmbito escolar na minha infância, bem como a minha vivência prática em sala de aula, trazidas para o texto em breves narrativas pessoais, nas quais a memória é evocada, enquanto estive como docente, na medida em que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. (Bondía, 2002, p.21).

O relato de experiência tornou-se estratégia metodológica para a realização desta pesquisa, e tem como base o pensamento de Bondía, que explica que:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (2002, p.24).

A intenção desta pesquisa é, por meio da contação de histórias em diálogo com o desenho, elaborar uma proposta de um plano de aula que incite um fazer artístico. Trata-se de uma pesquisa que se justifica pela necessidade de aprofundar sobre metodologias que combinam oralidade e desenho para produção artística.

Os estudos de Cecília Salles, sobre os processos de criação, apontam para a compreensão de estratégias e as habilidades necessárias para que o/a professor/a possa orientar e estimular a produção artística, respeitando as individualidades e iniciativas. Para Bondía (2002) e Salles (1998) é necessária a reflexão sobre a importância das experiências pessoais na produção artística dos/as estudantes.

Assim, essa pesquisa tem como objetivo compreender a relevância do desenho e da contação de histórias como práticas pedagógicas capazes de ampliar repertórios, despertar a criatividade e favorecer a formação integral dos/das estudantes.

Enquanto docente, fui percebendo que em cada desenho surgem significados e uma nova história. E, em meus estudos para desenvolver esta pesquisa, encontrei o Projeto “Fazendo Arte” (2022), de Genira Fonseca de Oliveira, que apresenta uma experiência de produção de uma colcha de retalho, que teve o objetivo de resgatar as histórias de vida dos discentes, a partir das memórias e lembranças suscitadas pelas experiências vivenciadas com a arte no período escolar. Inicialmente as ideias representadas em um pedaço de papel e, posteriormente, em retalhos, culminando com a produção coletiva de uma colcha de retalhos. Essa estratégia se revelou muito significativa para os/as estudantes, por possibilitar o diálogo com a criatividade e o imaginário, além de promover reflexões sobre a necessidade de uma maior valorização da disciplina Arte-Educação, entendendo-a como um componente curricular mobilizador de aprendizagens significativas.

Em contato com esse projeto, pude perceber como trabalhar histórias de vida por meio da produção de uma colcha de retalhos, como a arte se constitui como

espaço de partilha, memória e criação coletiva, possibilitando a ressignificação das experiências pessoais e a valorização da Arte-Educação como componente curricular.

3. DOCÊNCIA E EXPERIÊNCIA

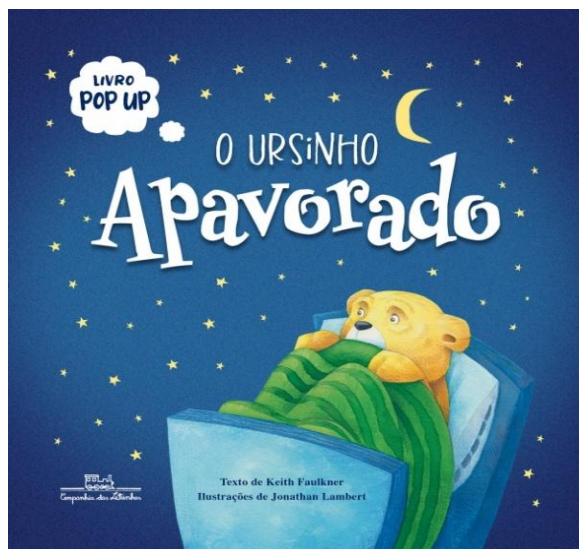
Durante meus estudos em diálogo com Bondía (2002) compreendi que o processo de reflexão (com um "olhar crítico") deve nos levar a uma busca ativa por significado. Para perceber como a minha experiência docente pode ser significativa para minha formação, narro as situações cotidianas que vivenciei na escola enquanto professora.

Nas aulas que eu ministrei enquanto docente para a contação de histórias, eu utilizava os elementos vocais, expressão corporal e os conhecimentos que obtive com o curso de contação de histórias. Na falta de uma formação como docente em artes visuais, as aulas eram intuitivas, sendo que o desenho era uma atividade livre, assim como a pintura e as histórias. A minha intenção era trabalhar vários temas conforme os projetos que estavam acontecendo na escola e no semestre.

Minha primeira experiência em sala de aula como contadora de histórias e o ensino das artes visuais foram momentos mágicos. Fui contratada para substituir uma professora em um colégio integral na região Oeste de Goiânia. A escola contava com aproximadamente oitocentos estudantes, divididos em oficinas de contraturno. Neste dia estavam presentes vinte e cinco alunos do ensino fundamental I, do 1º ao 4ºano.

Como a minha tarefa era desafiadora, pois queria impressionar e realizar uma aula lúdica, prazerosa e de acordo com tudo que aprendi no curso, caprichei nos detalhes. Decidi que esse momento seria marcante, cativante e para isso estava com tudo planejado desde o repertório, a caracterização, a história "O Ursinho Apavorado" de Keith Faulkner (Figura 2). O espaço dentro da sala de aula estava planejado no formato circular, as carteiras encostadas na parede, o centro totalmente livre para que estes alunos pudessem se sentar à vontade no chão ou até mesmo se deitar, pois na sala tinha um colchonete para cada aluno.

Figura 2 - Capa do livro “O Ursinho Apavorado”



Fonte: <https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9786554850605/o-ursinho-apavorado>. Acesso: nov. 2025.

Escolhi um vestido colorido bem rodado, preendi meus cabelos com Maria-chiquinha e uma maquiagem de boneca com cílios alongados, uma bochecha bem rosada para um aspecto saudável e um batom vermelho na ponta dos lábios. Cheguei cantando e pude perceber suspiros e olhares atentos, pois ninguém queria perder um detalhe. Logo escutei comentários de surpresa: “que professora era aquela?” Um aluno respondeu; “É a professora boneca!” e o outro com os olhos brilhantes observava.

Me apresentei e iniciamos aula. Com uma cantiga de roda, movimentos e aquecimento, estavam em silêncio indicando que não queriam perder nada da história do adorável ursinho. Era um ursinho que acorda no meio da noite com um barulho que o assusta, uma história emocionante que mostra como o medo pode nos surpreender e nos fazer imaginar, uma história que trouxe suspiros e alívio. Organizados em círculo no chão, compartilhamos relatos de medo e histórias pessoais. O entusiasmo era tanto que surgiram perguntas, como se eu era para sempre, se as aulas seriam sempre daquela forma e se teriam desenho. Foi uma semana de apresentação e encantamento pois na semana subsequente a sala estava superlotada em média trinta e cinco a quarenta alunos.

Após a semana inicial de apresentações às turmas, iniciava as aulas com a formação de um círculo no chão, visando um momento de relaxamento e acolhimento dos/as alunos/as, pois as turmas do primeiro ao quarto ano do ensino fundamental I tinham a necessidade de um momento de descanso, sendo que após almoço eles

estavam bem mais tranquilos/as. Quando iniciava as aulas, treinamos nossas vozes com exercícios vocálicos para que os/os estudantes pudessem se expressar verbalmente. Desta forma, na roda de conversa se manifestavam para se conhecerem um pouquinho mais. Eram momentos de muitas trocas, um espaço de escuta para entender o que esperavam das aulas. O desenho sempre foi a prioridade para eles/as; desenhar e colorir era um momento de descontração. Em outros momentos, as aulas eram permeadas por cantigas de roda, contação de histórias e o fazer artístico através do desenho. As crianças amavam finalizar com o desenho, pois transformam a história em desenho e, cada semana, havia uma nova história. Algumas vezes, após reconhecer a necessidade dos/as alunos/as, finalizava com a história do “Ursinho apavorado” e com o momento tão esperado: o desenho. Cada um/a ficava muito feliz por poder levar estes desenhos para casa; outros me presenteavam como forma de agradecimento. As crianças amavam desenhar e colorir espontaneamente.

Percebendo a vontade dos estudantes em desenhar, juntamente com a contação de histórias, eu incorporei a prática do desenho nas experiências em minha prática docente em sala de aula. Uma forma de conceber o conceito de desenho, com as crianças, enquanto capacidade de: “representação de formas sobre uma superfície, por meio de linhas, pontos e manchas, com objetivo lúdico, artístico” (Derdyk, 1990, p.32).

Outra aula que foi muito interessante, foi uma no eixo temático do trimestre ‘Hibridismo Cultural’, que eu defini para os/as alunos como a mistura de culturas, solicitando uma fusão e a ressignificação do que compreenderam em uma forma de linguagem no desenho, valorizando a experimentação. Para apresentar a proposta, utilizei a contação de histórias. Expliquei a toda a turma como seria o projeto: usar uma parte do corpo, como as mãos, para criar uma representação do novo, fazendo uma fusão de imagens que resultaria em um desenho de um galo.

Como ponto de partida, iniciamos a aula com a organização da sala e a formação de um grande círculo, com os alunos sentados para ouvir a história. Num segundo momento, houve a explicação detalhada do tema e uma roda de conversa para contextualizar o hibridismo e as formas de expressão a serem produzidas. Houve muitas dúvidas, diálogos e informações sobre as técnicas apresentadas. Os olhos dos alunos brilhavam, ansiosos pela execução desse novo projeto e pela tão esperada aula prática de desenho, que, muitas vezes, não podia ser realizada em um único

encontro. Muitos nunca tinham ouvido falar sobre hibridismo técnicas e estavam desejosos por vivenciar a prática.

Na segunda aula, recontamos a história sobre hibridismo nas artes e partimos para a prática. Formamos grupos de quatro alunos e iniciamos nosso processo criativo através das mãos, usando essa parte do corpo como matriz corpórea. Reconstruímos a imagem por meio da figuração das mãos e dos dedos, formando a nova figura de um galo (Figura 3), que foi posteriormente colorido.

Figura 3 - Trabalhos das crianças



Fonte: Arquivo Pessoal

Os alunos ficaram encantados com a experimentação, com a forma representativa e expressiva que ela se tornou e com a criatividade individual na ornamentação de cada desenho. A avaliação considerou todo o percurso do aluno: a experimentação dos materiais, a aplicação das linguagens do hibridismo, a capacidade e originalidade de cada um, valorizando o conceito. O processo foi documentado por meio de mídias individuais e da exposição dos desenhos.

Em um dia ensolarado, muito calor na escola integral, com aproximadamente oitocentos alunos. Eu estava realizando o planejamento pela manhã, pois fazia carga horária de 60 horas semanais. No horário do almoço, estava em sala de aula com os alunos para que os professores regentes pudessem almoçar. As crianças menores, do primeiro ao quinto ano, tinham um momento para relaxar e tirar um soninho. Logo após, eles tinham aula normal, e à tarde eram realizadas as oficinas de contação de história e mais vinte e uma modalidades.

No momento do sono, alguns alunos conseguiam dormir, outros não. Neste momento, sempre tínhamos outros recursos para conter estes alunos e deixar os que

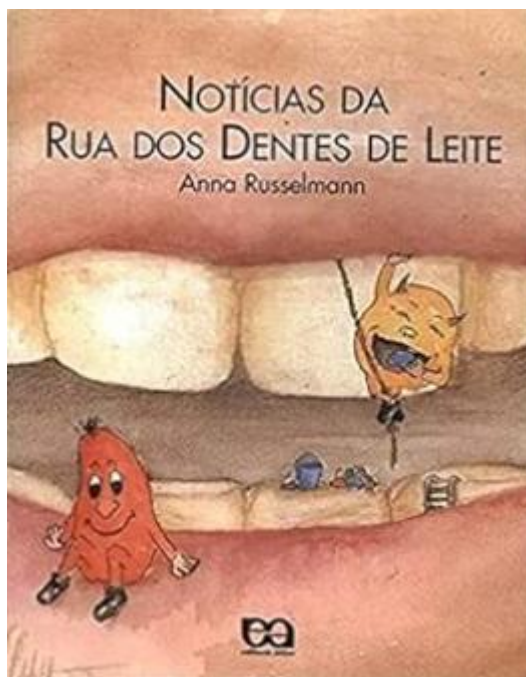
necessitavam dessa uma hora de sono desfrutar desse momento. As salas de aula tinham colchonetes para que eles pudessem se deitar; uns traziam lençol de casa, outros não. Sempre que eu chegava, eles tinham acabado de almoçar e estavam voltando do banheiro, onde eram liberados um grupo pequeno por vez para que pudessem escovar os dentes e fazer suas necessidades pessoais antes de dormir.

Ao chegar na sala, lá vinha ela, Yasmim, toda sorridente, o rostinho redondo de Maria Chiquinha. Aproximou-se e disse: "Professora, olha meu dentinho! Está mole, eu tenho medo, mas você pode arrancar?" Eu fiquei sem ação e disse: "Você confia em mim?" Ela rapidamente abriu o sorriso maior e disse que sim. Procurei em minha bolsa um pedaço de fio dental, amarrei um nó e dei a volta sobre seu dentinho. Enquanto os alunos iam e voltavam, deixei-a bem distraída, quando, de repente, com um leve puxão, lá se foi seu dentinho. Foi correndo ao banheiro lavar sua boquinha e voltou toda feliz, disse que eu era dentista e que não doeu, pois não sentiu. Coloquei seu dentinho num saquinho e expliquei através de um bilhete à sua mamãe o que tinha acontecido. Foram muitos comentários e "burburinhos" (ou "cochichos"), mas logo todos dormiram.

No dia seguinte, como de costume, todos indo ao banheiro após o almoço e nós preparando os colchonetes para a hora do soninho, quando olho do lado de fora, vejo uma fila imensa atrapalhando os alunos retornarem à sala de aula. Fui logo ver do que se tratava, pois as salas dos segundos e terceiros anos eram subsequentes e eu não sabia o que estava acontecendo. Então, perguntei: "Que fila era aquela e por que estavam ali?" Para minha surpresa, minha aluna Yasmim havia espalhado a todas as turmas que eu era a "professora dentista" e que havia arrancado o dentinho dela e nem doeu. Foi um momento de risos e descontração, e fiquei famosa, pois todos os dias tinha alguém na porta me esperando para eu verificar se seus dentinhos estavam moles e quando poderiam arrancar.

Foram experiências incríveis, instintos maternos e laços eternizados por histórias reais com cenas do cotidiano. A partir deste acontecimento, dei início ao projeto de higiene pessoal, onde foi proposta a leitura do livro "Notícias da Rua dos Dentes de Leite, da autora Anna Russelmann" (Figura 4), com os personagens Hank e Dick, um livro divertido que estimula a escovação e os cuidados com a saúde dentária infantil e juvenil.

Figura 4 - Capa do livro “Notícias Da Rua Dos Dentes De Leite”



Fonte: <https://www.amazon.com.br>. Acesso nov. de 2025.

Relembro um projeto interdisciplinar, no qual escolhemos o tema para trabalhar os frutos do cerrado com os alunos do Ensino Fundamental I, do primeiro ao quinto ano, foi marcada por muita correria para a elaboração do projeto. Escolhemos os frutos do cerrado, e planejamos apresentar às crianças as histórias dos frutos da nossa terra e suas diversidades; muitos alunos nem conheciam alguns deles.

Trabalhamos as histórias cantadas no nosso círculo inicial da maioria das aulas, seguido por uma roda de conversa e apresentação das imagens das frutas da nossa região Centro-Oeste: o cerrado. Os alunos ficaram encantados ao conhecer a gabioba, muito parecida com uma "mini goiaba", e muitos outros frutos como murici, cagaita e gravatá. Em seguida, partimos para nossa aula prática de desenho; surgiram muitas dúvidas sobre o tamanho dos frutos e muita vontade de experimentar.

Ao longo do projeto, a proposta seria a construção de telas tridimensionais de cada fruta em papel machê e, após a secagem, que poderia levar dias, seria feita a pintura. Na exposição do projeto, como forma de experimentação, tivemos até picolés com o fruto do cerrado para que cada aluno pudesse provar sabores jamais experimentados. Também houve a exposição dos quadros no mural da escola.

Um dia chuvoso, os alunos inquietos, sem poder sair no pátio, as atividades todas em sala de aula. A aula iniciou com uma história popular, a história da coca.

Como era de costume, a turma toda já estava muito esperta: bastava eu apontar no corredor e já começavam a organizar a sala, levando as carteiras ao redor da parede e as cadeiras também. Ficava um espaço amplo para organizarmos nosso círculo. Muitos alunos pegavam colchonete para ouvir a história deitados; era um momento único e mágico, a hora da história. Fizemos nosso grande círculo e os alunos ficaram sentados ao chão nos colchonetes, outros deitados, bem à vontade.

Neste dia, preparei um plano de aula com a história popular “A Lenda Coca do Mato”, que antigamente era chamada no interior de abóbora. O objetivo do plano era trabalhar a história e o desenho para desenvolver a memória e a atenção dos alunos através da repetição e de trocas cumulativas. Com isso, os alunos memorizavam e recontavam as histórias com riqueza de detalhes; alguns confundiam, se perdiam no caminho, mas no final deu tudo certo. Criamos esse momento de recontar, foi muito divertido

Em um segundo momento disponibilizei pedaços de papéis coloridos e os alunos fizeram seus desenhos com muita criatividade, e eles fizeram o colorido com a colagem de pequenos rabiscos de papel, formando um lindo mosaico. No final levaram para casa; alguns sempre me presenteavam com esses desenhos feitos com muito carinho. A avaliação foi a capacidade de memorização através da repetição, participação e envolvimento. Nossa aula prática resultou em um desenho: cada aluno fez o desenho do que mais gostou na história. Teve desenho de abóbora, cestos, pão e viola.

Estas aulas sempre foram conduzidas conforme o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola. No Ensino Fundamental, elas foram intuitivas, pois eu não possuía formação como docente, experiência com os artistas ou embasamento teórico, em Artes Visuais. As aulas foram sendo construídas, juntamente com o curso de graduação, exigindo muito esforço e superação das dificuldades. Um processo que agregou grande valor à minha vida profissional.

No meio dessa caminhada, houve muitas enfermidades dos meus pais, mas mesmo a distância, eu sempre consegui conciliar as responsabilidades e estar presente. O amor pela profissão sempre falou mais alto, tanto no âmbito profissional quanto no cotidiano, sendo fortalecido pela família, pelos/as professores/as, amigos/as, alunos/as, diretores/as. Foram laços construídos que tecem, em retalhos, uma grande história de vida e formação acadêmica que ainda não foi concluída, mas em breve fechará um novo ciclo.

Me recordo que em uma semana, a escola estava trabalhando o eixo temático sobre valores. Elaborei um plano de aula com a história com o texto: *É meu! Não empresto*, a história de um garotinho que tinha dificuldade de emprestar seus brinquedos para seu irmão. Nesta aula iniciamos com o bordão que eles/as amavam repetir e que servia para conter a turma para o momento de silêncio: “Dois olhos duas orelhas, só a boca que não tem par, é por isso que é mais certo, devo ouvir do que falar, devo ouvir do que falar! Era um silêncio total! Para a hora da história, sentávamos no chão, em círculo, como era de costume.

Ao finalizarmos, iniciamos nossa rodada de conversa sobre tudo que estava acontecendo na escola: problemas de indisciplina, falta de diálogo, egocentrismo nas atividades coletivas, dificuldades de emprestar e dividir os materiais básicos e brinquedos na hora do recreio e a importância do uso das palavras mágicas de cordialidade como ‘licença’, ‘muito obrigada’ e o respeito na fila do lanche. Discutimos como o egoísmo gerava solidão e que os outros coleguinhas não iriam querer estar próximos de quem não gostava de dividir, e que tudo compartilhado fica mais prazeroso e divertido, aproximando as pessoas e tornando os momentos muito mais felizes em comunhão. Muitos/as estudantes relataram situações particulares sobre o tema de cada aula; sempre erguiam as mãos, e nossa aula se tornava um espaço de escuta e de trocas.

Em uma das aulas, a proposta no plano de aula: “Valores humanos a partir da expressividade do desenho e da Pintura Rupestre”, aconteceu uma prática tão esperada, construímos em uma folha grande de papel Kraft de três metros um painel coletivo de desenhos sobre a história: *“É meu! Não empresto!”* Aprendendo sobre generosidade dos autores Claire Llewellyn e Mike Gordon (Figura 5), com tradução de Irami B. Silva. Trabalhamos no chão com papel e giz de cera coletivo. Eu levava um pote de plástico grande com muitos gizos que era compartilhado com toda turma. Vivenciamos este compartilhamento coletivo, a troca de cores com muito carinho e educação entre os/as colegas, e organização da sala e de todos os materiais utilizados. Ao final, a folha grande de papel Kraft, foi exposta para toda a escola.

Figura 5 - Capa do livro “É meu! Não empresto! Aprendendo sobre generosidade



Fonte: <https://www.coletivoleitor.com.br/uploads/demos/e-meu-nao-empresto.pdf>. Acesso: nov. 2025.

Aprendi em minhas aulas que os rabiscos garatuja que são formas expressivas espontâneas. No dicionário da Língua Portuguesa desenhar é “Traçar o desenho”, “Dar relevo a delinear.” “Descrever, apresentar, caracterizando oralmente ou por escrito.

Remexo em minhas memórias, convite de Larrosa Bondía (2002) para prestar atenção no que me aconteceu e está acontecendo, e nesse sentido, tentar resgatar o que vivi enquanto professora na escola, em um processo reflexivo para compreender como estou me constituindo como docente ao final da graduação.

Na universidade conforme fluxo curricular do curso, tive muitas experiências em diversas disciplinas como, ‘Desenho de objetos e paisagens’, ‘Desenho de figura humana’, ‘Gravura contemporânea’ e ‘Estágios supervisionados’, entre outras. Essas disciplinas abriram em minha mente uma gama de possibilidades para ministrar estas aulas com mais clareza e profundidade, a partir do conhecimento de artistas que trabalham com desenho e suas especificidades, técnicas, metodologias e planejando.

Nas aulas de gravura com a professora Edna de Jesus Goya aprendi técnicas e a experimentar materiais que eu jamais imaginaria que seria possível levar a sala de aula. Tivemos experiência com diversos materiais que poderiam ser gravados

através do desenho e com materiais práticos, como a borracha que permitiriam o manuseio dos/as alunos em sala de aula. As impressões eram feitas nas oficinas de gravura. Experimentei diversos materiais, como linóleo, acrílico, metal como (cobre) e várias texturas de papéis.

Nas aulas de estágio, vivenciei como funciona planejamento de uma aula como pensar estas aulas de acordo com o espaço, o tempo em média de cada aula e todo esse processo como docente. Em uma das minhas aulas de estágio supervisionado IV denominado 'Elaboração e desenvolvimento de projetos', no ano 2010, me preparei e realizei o planejamento para minha atuação na escola. O professor que nos recebeu era um ex-aluno da FAV-UFG. A recepção foi muito boa, pois nos recebeu com muito carinho nos deixou muito à vontade para explicar o projeto sobre desenho e a pintura.

O objetivo dessa aula era desenvolver habilidades de colaboração e trabalho em equipe, mostrando que como dividir e trabalhar em equipe é divertido e prazeroso. Para alcançar o objetivo busquei estimular a expressão e produção artística através do desenho e da pintura rupestre com materiais como o giz de cera. A metodologia do trabalho foi estruturada para promover reflexões sobre valores humanos por meio da contação de história, do desenho e da pintura. A turma foi dividida em três grupos, sendo que cada grupo apresentou um valor como solidariedade, paz e cooperação através do desenho no cotidiano e da pintura.

Os/as alunos/as estavam encantados pois, como sempre aula prática era tão esperada, e estavam tão ansiosos para praticar desenhar e pintar. Preparei os materiais e todo os recursos necessários para essa aula. iniciamos o projeto com o desenho e, em um segundo momento, a pintura. Mas encontrei muitas dificuldades na realização da atividade: a sala ficava um lance de escada acima, longe de uma torneira para que os/as estudantes pudessem lavar os pincéis. Foi difícil, um grande contratempo, pois não havia pensado sobre essa questão. Além disso, o tempo de aula foi muito curto. No final, conseguimos concluir a atividade, limpar e organizar a sala. Infelizmente fui reprovada nesta disciplina, pois não atingi a média. Foi uma experiência difícil, na qual tive muitas dificuldades nem sempre as aulas são um sucesso, e imprevistos podem acontecer.

Hoje, 2025, após o meu percurso e retorno para finalizar a graduação, eu planejava uma aula diferente, com um novo olhar com fundamentação teórica e prático de artistas. Artistas, que pude conhecer no decorrer do curso de Artes Visuais, e que me ajudaram a pensar muitas propostas diferentes que possibilitariam

experiências e ensinamentos. Conhecimentos que podem contribuir para minha formação docente. Ao realizar o curso, percebi que os planejamentos detalhados, alinhados à prática e fundamentação teórica contribuem para que as mesmas aulas sejam bem-sucedidas.

Nesse sentido, proponho elaborar uma proposta de um plano de aula com o mesmo tema “Valores humanos a partir da expressividade do desenho e da Pintura Rupestre”, eu apresentaria uma outra proposta para alunos do terceiro ao quinto ano do ensino fundamental I, com a faixa etária de nove a onze anos. Um plano de aula que parte das experiências propostas no Projeto “Fazendo arte” histórias de vida tecidas em retalhos da autora Genira Oliveira (2022) que me mostrou a importância de rememorar as histórias de vida e memórias afetivas dos discentes a partir das suas lembranças, tecendo estes recortes em pedaços formar uma colcha de retalhos. Uma vivência que também me mostrou muitas possibilidades de trabalho coletivo, pois o desenho é uma ponte entre as memórias e lembranças de cada aluno.

No exercício de elaboração de uma proposta de um plano de aula, a história seria a mesma: “É meu! Não empresto!” de Claire Llewellyn e Mike Gordon, com tradução de Irami B. Silva. A proposta busca uma conexão com o desenho a partir do referencial teórico de Derdyk, que sustenta que: “O desenho constitui para a criança uma atividade total englobando o conjunto de suas potencialidades e necessidades. Ao desenhar, a criança expressa a maneira pela qual sente existir.” (Derdyk, 2015, p. 57).

A proposta será organizada, inicialmente, com a formação de um círculo na sala de aula. Os alunos ficariam sentados, o que facilita a visibilidade e o contato visual, permitindo que todos se sintam à vontade. Em um segundo momento a ideia é realizar uma explanação sobre a Arte Rupestre, utilizando como fontes de estudos os sites: www.mundoeducacao.com e www.novaescola.org. Momento para explicar sobre como a Arte Rupestre conta histórias através do desenho. Explicar para as crianças que o desenho e a pintura eram utilizados como linguagem visual, eram construídos com base na troca de experiências e nos registros do cotidiano diário, como a caça, a pesca e as organizações coletivas, transmitindo, assim, conhecimento entre gerações.

Durante a explicação, considero importante reforçar as características da Arte Rupestre que incluem a observação das imagens registradas nas paredes das cavernas, o uso de linhas, traços e formas geométricas, e a representação de homens,

animais e cenas do dia a dia. Esclarecer que a pintura rupestre era realizada na aplicação de pigmentos sobre a superfície das rochas. Para a pintura e desenho utilizavam-se os dedos, carvão, sangue e clara de ovo como aglutinante. Após a explicação do conteúdo, pedirei que observem a pintura rupestre "Homens" (Figura 6), que retrata a pesca coletiva.

Figura 6 - Barco e homens saindo para pescar à procura por alimento



Fonte: <https://novaescola.org.br/conteudo/1986/arte-rupestre-ajuda-a-entender-a-pre-historia>. Acesso: nov. 2025

Após o diálogo com a imagem sobre Arte Rupestre, será o momento de contar uma história, do livro escolhido: “É meu! Não empresto!” Aprendendo sobre generosidade (de Claire Llewellyn e Mike Gordon). Após a contação de história haverá um momento de conversa, sendo que a intenção é que as crianças falem sobre a história do livro. E que possam observar uma figura do livro (Figura 7), previamente selecionada. A solicitação é que se concentrem na imagem do livro para que nesse sentido, seja criado um espaço de escuta e de troca de informações, para instigar a percepção de cada um.

Figura 7– Página do livro: “É meu! Não empresto! Aprendendo sobre generosidade”



Fonte: <https://www.coletivoleitor.com.br/uploads/demos/e-meu-nao-empresto.pdf>. Acesso: nov. 2025

Durante esse espaço de escuta as crianças devem observar a figura 6 e a figura 7 para responder: o que elas observam? O que elas podem ver? Como o trabalho é realizado em cada situação? Em seguida, o foco será discutir os conceitos de generosidade e de coletividade, buscando questionar como o trabalho coletivo pode facilitar as tarefas do dia a dia, e resultar em aprendizados.

Depois de conversa, trabalharemos com o desenho. Concordo com Derdyk (*apud* Motta, 1973) que “a gente vê com o corpo inteiro, porém, muito mais ainda, com a visão de muitos outros”. Isto para dizer que, além da visão pessoal, existe a visão da cultura, a visão da história (2015, p.114-115). Em sintonia com essa ideia, a solicitação é criação de um painel de desenhos feitos com giz de cera. O painel reunirá as histórias individuais dos alunos, respondendo às perguntas: “O que você faz de forma coletiva?” e “O que você faz para ser gentil com as pessoas?” Após o momento de produção, cada aluno apresenta seu desenho na roda e o fixa na parede para formar um painel. Assim, cada desenho se torna um “retalho”, formando uma colcha de histórias a ser exposta para toda a escola.

Nesse movimento reflexivo, percebo a partir do que vivenciei, minhas histórias, e o pensamento de autores/as, como Rodrigues (2009) acredito que a prática da contação de histórias promove a aprendizagem e possibilita o desenvolvimento de diferentes estratégias de ensino para o ensino das Artes Visuais.

Enquanto docente, posso propiciar uma construção de sentidos integrada ao contexto cultural e histórico. Desse modo, através do olhar de cada estudante, são tecidos novos relatos, como uma colcha de retalhos, a partir de recordações, lembranças e emoções do passado. Propiciar Narrativas contadas pelos desenhos, promovendo aprendizagens voltadas para o Ensino de Artes Visuais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas vivências me atravessaram profundamente e, repetidas ao longo da minha vida, tornaram-se fonte para um presente compartilhado: alfabetizei meus filhos aos quatro anos, incentivei a leitura, o desenho e os prazeres que sempre me acompanharam. Ler, desenhar, estudar, praticar... eram, e ainda são, minhas formas de existir no mundo.

Conto histórias que marcam a minha infância, a minha atuação docente. Histórias que, quando envoltas em afeto, podem despertar a criatividade, sensibilidade, expressão, amor e conhecimento. Podem nascer em palavras narradas ou em traços simples, rabiscos, garatujas que anunciam mundos. Há infinitas maneiras de contar uma história, e as artes sempre estiveram conosco: desde as pinturas rupestres, onde os primeiros homens conversavam com o tempo através do desenho.

Eu vivi tudo isso e continuei vivendo ao lado de meus filhos, meus alunos e meus netos, perpetuando o encanto que um dia me foi dado em sala de aula. Essas histórias que apresento me tocaram profundamente e tenho certeza de que, em algum momento, fizeram sentido para aqueles que um dia tiveram a oportunidade de vivenciá-las comigo (Figura 8).

Figura 8: Eu e meu filho contando história na festa escolar



Fonte: Arquivo da Autora.

Durante esta pesquisa, percebi que as memórias que emergem do que foi vivido na graduação podem contribuir para que eu vá muito além do que eu estava realizando em sala de aula. No decorrer do curso, fui aprendendo a contextualizar as aulas com embasamento teórico e vejo o quanto a formação na licenciatura em artes

visuais me fez amadurecer e me profissionalizar. Hoje observo de outra perspectiva e vejo que a realização e a conclusão do curso de Artes visuais Licenciatura é fundamental.

No exercício da profissão e sem formação específica, minha prática era intuitiva e as aulas tinham um planejamento básico, sempre permeadas pelo desenho após a contação de histórias. O processo de desenvolver o desenho sempre esteve presente em meus ensinamentos e tive a oportunidade de trabalhar o desenho como forma de expressão com meus netinhos (Figura 9).

Figura 9 - Meus netinhos desenhando



Fonte: Arquivo da Autora

O curso de artes visuais vai muito além do que poderia imaginar, promovendo a percepção e a valorização da profissão. Ele tem me ajudado a querer percorrer um outro caminho de união entre as Artes Visuais e contação de histórias, que considero expressão pela oralidade. Essa transformação no meu modo de ver, juntamente com as novas perspectivas e ensinamentos que foram construídos ao longo da graduação,

em conjunto com autores estudados no curso de Artes Visuais, redefiniu a minha prática docente.

Atualmente, penso os elementos do desenho com Derdyk (2015), o valor da experiência com Bondía (2002), o que veio acrescentar profundamente na construção de uma docente pensante e pesquisadora, descobri com que a contação de histórias está presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sendo que “criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos” (Brasil, 2018, p. 50) é um dos objetivos no campo das experiências.

Com a autora Derdyk (2015), hoje percebo que o desenho vai muito além das minhas experiências iniciais na escola. Para a autora, o desenho oferece à criança muitas maneiras de pensar: o lúdico, o real o simbólico. Ela discute as formas de representação do desenho e suas transições, mostrando como o desenho atravessa a história e suas fronteiras. Derdyk expõe que “o desenho é o exercício da inteligência humana” sendo que “o ato de desenhar exige poder de decisão”(2015, p. 52), sobre as linhas que fluem formas de representações. Dessa forma, a criança desenha de forma espontânea e natural.

No ato de desenhar está explícito uma conversa entre o pensar e o fazer, entre o que está dentro e o que está fora. Recebemos inúmeros estímulos a todo instante. Relacionamos alguns, selecionamos outros, valorizamos, negamos... e desse movimento interno vão surgindo as configurações e constelações de significados que se transformarão em futuros entes gráficos (Derdyk, 2015, p. 122).

O desenho na visão de Derdyk oferece uma experiência não apenas como representação, mas como pensamento em movimento, e com Bondía (2002), percebo que cada experiência se faz presente no nosso cotidiano desde que possamos refletir sobre elas. Nesse sentido, entendi a importância de promover experiências com os/as estudantes. A importância não só pelo que passamos, mas pelo que nos toca profundamente. Estas experiências estão arraigadas em cada um, mas em algum momento podem nos afetar, sendo essenciais para a construção de um ensino de qualidade.

A contação de cada história proporciona experiências, permitindo-nos ser tocados em algum momento. Somos marcados por nossas vivências, por nosso modo de ser, por compreendermos um percurso a seguir, como uma estrada sem fim. Não sabemos onde ela vai dar, mas deixamos marcas em todo o processo e, ao mesmo tempo, somos tocados nessa caminhada.

Neste longo percurso de aprendizado, histórias e memórias, houve muitos sentimentos, amor envolvido e significados que pude perceber ao longo dos anos; e, ao rememorar estas experiências, contando as minhas histórias, tive momentos que me remeteram, com um piscar de olhos, a determinado local, como se fosse hoje. Uma mistura de emoções e sentimentos à flor da pele, de situações que poderiam ter sido melhores e outras que deixaria da mesma maneira.

Ao término da pesquisa, compreendo que adotar um exercício de parar e pensar mais um pouco, e olhar mais de uma vez, como sugere o autor Bondía (2002), pode fomentar uma experiência de compartilhamento onde as vivências podem ser ouvidas e respeitadas. Construir um ambiente de sala de aula em que o aluno é afetado pela contação de histórias, e possa perceber o desenho como um catalisador para a memória, a atenção e a criação de experiências significativas, isso possibilita vivências que cada um atribui ao que lhe acontece.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20–28, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 2015.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. São Paulo: FAPESP; Annablume, 1998.

OLIVEIRA, Genira Fonseca de. Projeto “Fazendo Arte”: histórias de vida tecidas em retalhos. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, v. 3, p. 1–8, 2022. Disponível em: revista.ufr.br/rep/article/download/7362/3707/29810. Acesso em: 14 nov.2025.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. Contação de histórias, leitura e produção de textos: um estudo da unidade temática – educação ambiental. **Revista Polyphonia**, Goiânia, v. 13, n. 1/2, p. 57–71, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sv/article/view/6946>. Acesso em: 17 nov. 2025.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos três dias do mês de dezembro do ano de 2025 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Contação de histórias no diálogo com o desenho”, de autoria de Vânia da Silva Moura Pestana, do curso de Artes Visuais - Licenciatura, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela prof.^a Dr.^a Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral - orientadora (FAV/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: prof.^o Dr.^a Carla Luzia de Abreu (FAV/UFG) e prof.^a Ms. Ana Lúcia Siqueira de Oliveira - membro externa (IFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 7.5, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Valeria Fabiane Braga Ferreira Cabral, Professora do Magistério Superior**, em 05/12/2025, às 15:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Lucia Siqueira de Oliveira, Usuário Externo**, em 05/12/2025, às 16:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carla Luzia De Abreu, Professora do Magistério Superior**, em 09/12/2025, às 08:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5838666** e o código CRC **9A8E9F9B**.